

APRESENTAÇÃO DE LIVRO

Autor:

Rafaela Silva

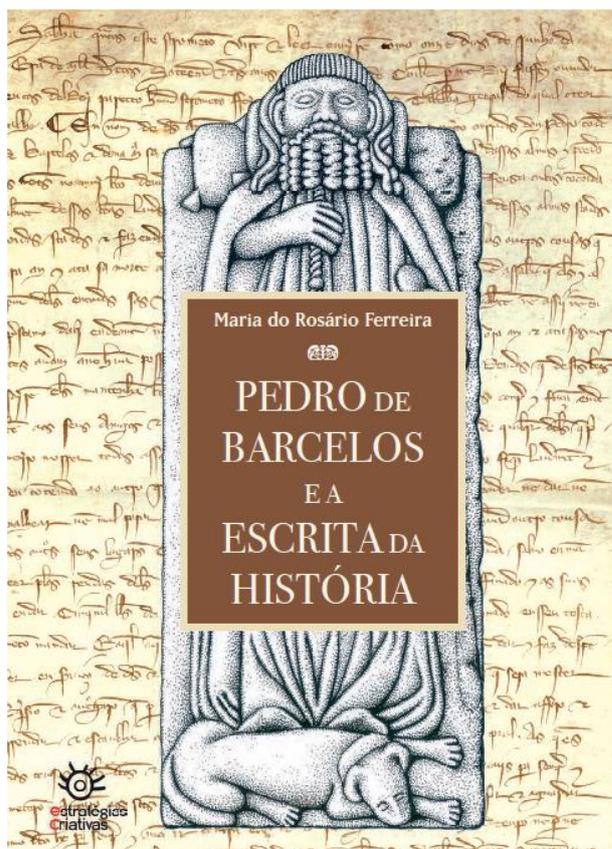
Título:

Maria do Rosário Ferreira, *Pedro de Barcelos e a Escrita da História*, Porto, Estratégias Criativas, 2019. (296 p., ISBN: 978-989-8459-62-6)

Como citar esta apresentação:

Rafaela Silva, «Apresentação do Livro “Maria do Rosário Ferreira, *Pedro de Barcelos e a Escrita da História*, Porto, Estratégias Criativas, 2019)296 p., ISBN: 978-989-8459-62-6)”», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, nº 4, 2019, pp. 131-135.

DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua4rec2>



**Maria do Rosário
Ferreira,
*Pedro de Barcelos
e a Escrita da História*,
Porto,
Estratégias Criativas,
2019
296 p.
ISBN: 978-989-8459-62-6**

[Da Apresentação]

Os estudos que agora se publicam oferecem ao leitor um naipe apreciável de características inusuais entre nós. Não se encontrará aqui uma prosa leve e acessível sem esforço, nem se acharão nestas páginas ideias gerais destinadas a arrumar de vez obras literárias que ostentam a veneranda idade de muitas e muitas centenas de anos. Num ambiente universitário que decidiu há décadas, sem qualquer reflexão nem consciência crítica, abolir dos *curricula* académicos a disciplina filológica, imprescindível para abordar com alguma profundidade qualquer texto antigo – ou seja, alheio à nossa experiência quotidiana –, não deixando dessa disciplina vestígio outro para além de envergonhados títulos destinados às mais escondidas prateleiras, o presente conjunto de ensaios apresenta-se como uma iniciativa estimulante, recheada de novidades com impacto seguro no mundo actual e destinada a propor novos desafios de compreensão do passado. Retomando linhas de inquérito e de investigação que visam prosseguir um trabalho com tradição, mas, entretanto, descontinuado, e levá-lo até onde é possível, na convicção de que há caminho a percorrer e que vale a pena trilhá-lo, é proposto o retorno a uma das figuras mais marcantes da cultura e da literatura portuguesas e também da política e da sociedade da primeira metade do século XIV: Pedro Afonso, filho bastardo do nosso rei D. Dinis e terceiro Conde de Barcelos.

Na realidade, trata-se de uma personalidade que sempre esteve presente na memória histórica e historiográfica portuguesa, pela sua associação ao célebre *Livro de Linhagens* que corre sob a sua autoria, ao qual periodicamente se tem vindo a conferir a devida atenção. E não é menos verdade que o profundo e extenso trabalho de Luís Filipe de Lindley Cintra, realizado em meados do século passado, que devolveu a Dom Pedro Afonso a autoria da *Crónica de 1344*, contribuiu para que o seu nome perdurasse facilmente como personalidade relevante da cultura portuguesa, suscitando periodicamente evocações, trabalhos académicos e uma retoma circunstancial do seu nome como marco relevante do discurso oficial sobre a cultura e a literatura portuguesas, no processo da comemoração cíclica e repetitiva que a caracteriza, sobretudo no tocante aos seus períodos cronologicamente mais recuados.

Mas por aqui nos quedávamos ainda não havia muito tempo. O trabalho de Cintra ficara sem continuidade, como vem sendo hábito nas instituições universitárias portuguesas no tocante às áreas humanísticas, num procedimento típico dos meios académicos de pequena dimensão, centrados em instituições que cuidam mais da glória que a História lhes conferiu do que, verdadeiramente, daquele objectivo operoso e árduo que é prosseguir a tarefa do aprofundamento do saber e da sua comunicação às gerações mais recentes. Não fora o esforço de alguns académicos exteriores ao espaço português, mas de espírito ibérico, – entre os quais é justo que se nomeie, em primeiro lugar, Diego Catalán Menéndez Pidal – e imaginamos que a tarefa do medievalista dedicado ao estudo daquele intelectual português do séc. XIV teria sido bem mais árdua e, sobretudo, menos produtiva.

Os trabalhos que estão na origem do presente livro escalonam-se num período de pouco mais de dez anos, tendo tido início com um vasto inquérito sobre um tema transversal às culturas ibéricas – a chamada *Lenda dos Infantes de Lara* –, que originou uma dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, tendo depois prosseguido em direcções diversas, mas todas elas desenvolvendo linhas de investigação inscritas naquele tema que, muito mais do que da literatura épica, se revelou tributário da escrita historiográfica e, em termos mais gerais, da escrita que teve como resultado a fixação de um vasto e eficaz fresco de representações da sociedade e do tempo no século XIV ibérico.

Esta dimensão não «nacional», mas peninsular, muitas vezes marcada mesmo por uma visão universal – nos termos em que este conceito é aplicável à cultura europeia da época –, é um dado marcante da escrita do Autor sobre o qual incidem as atenções. Na realidade, a apropriação hispânica, e mesmo europeia, de que o seu *Livro de Linhagens* foi sendo alvo desde muito cedo, sempre apontou nesse sentido. Porém, essa dimensão ibérica e transnacional do seu labor de escrita ganhou novo fôlego com a atribuição da *Crónica de 1344* à sua autoria, já que se tornava então visível com mais clareza o modo como um autor português lidava de perto com fontes literárias exteriores ao espaço do reino e, sobretudo, como se inscrevia, com uma extraordinária autoridade e impacto, em problemáticas que não conheciam fronteiras de cultura, já

que físicas não as havia então seguramente. Essa ponderação levou igualmente a que se reavaliasse uma outra obra que, desde o século XIX, se tinha seguramente como de sua autoria, embora desse facto não fossem extraídas consequências de nenhum tipo relativas à natureza desse seu empreendimento. Referimo-nos à sua iniciativa como organizador do mais extenso cancionero de poesia trovadoresca galego-portuguesa alguma vez reunido – o *Livro das Cantigas*, mencionado no seu testamento –, secundada ainda pela sua mesma actividade como trovador.

Ora a pesquisa organizada em torno destas linhas de força, realizada em grande medida nas favoráveis condições propiciadas pela colaboração com investigadores de elevada estatura pertencentes a várias universidades europeias – entre os quais é justo destacar o grupo de investigação internacional GDRE-AILP, liderado por Georges Martin e activo entre 2008 e 2012, ao qual a autora pertenceu – constitui o fundamental do conteúdo do presente livro. O ponto de partida é, como não poderá nunca deixar de ser, o olhar filológico na sua múltipla incidência sobre o material linguístico; os suportes materiais que permitiram a difusão e a sobrevivência das obras em questão até aos dias de hoje; e, vertente do labor filológico facilmente esquecida, a compreensão das circunstâncias epocais que rodearam a escrita. Longe dos seus inícios no coração romântico, e logo positivista, do século XIX, este último aspecto da abordagem filológica sofreu naturalmente uma deriva construtiva. A emergência ao longo do século XX das ciências sociais, combinada com a intensidade da reflexão sobre o fenómeno da linguagem – sobretudo na vertente pragmática –, levou a que a base epistemológica da filologia se alargasse naturalmente a áreas circundantes do autor.

Está em causa não apenas a sua voz individual, mas o modo como ele encara os que lhe são próximos ou afastados, tanto no plano objectivo como afectivo; é sobretudo de capital importância o modo como o autor lida com o seu ser social e com as linguagens que partilha, tanto as que herda como aquelas que dão vida ao mundo institucional em que se move. O olhar filológico do início do século XXI continua ainda, e aprofunda, a abertura de perspectivas de sobrevivência das obras literárias proporcionada pela teoria da recepção, caldeada por uma extensa abordagem comparatista que se estende desde a compreensão da obra como ponto de confluência de tradições prévias até à sua sobrevivência enquanto acto de leitura ou reprodução intertextual. Mais do que qualquer especificação conceptual, o presente livro, na sua agilidade profunda e esclarecedora, é revelador dos caminhos trilhados na actualidade pela investigação nesta área, sendo de esperar que a sua publicação possa contribuir para que a memória cultural proporcionada pela investigação em torno dos testemunhos específicos do passado – escritos, monumentais, arqueológicos ou outros – não volte a sofrer das amnésias cíclicas que entre nós continuam a ser uma severa ameaça.

[Do Sumário]

Quando o passado se adivinha no horizonte

José Carlos Ribeiro Miranda

Os caminhos do tempo

Pedro de Barcelos e a representação do passado ibérico

O *Liber Regum* e a ideia de Espanha na obra de Pedro de Barcelos

Pedro de Barcelos e Fibonacci: sobre a estrutura original da *Crónica de 1344*

O senhorio da Espanha

A estratégia genealógica de D. Pedro, Conde de Barcelos e as refundições do *Livro de Linhagens*

«Amor e amizade entre os nobres fidalgos da Espanha»: Apontamentos sobre o prólogo do *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro

De Najera a Alcalá: Pedro de Barcelos e Juan Núñez de Lara III

O sentido da escrita e a ordem do mundo

Sangue, natura e a ordem do mundo

Pedro de Barcelos e a salvação da Espanha

O projecto de escrita de Pedro de Barcelos

Apêndice

As traduções de castelhano para galego-português e as políticas da língua nos séculos xii-xiv

Bibliografia

Índice remissivo